

Singularidades cooperantes em redes

Cristina Câmara¹

O debate sobre o conceito de multidão e sua relação com os movimentos antiglobalização remetem diretamente ao italiano Antonio Negri. Em grande parte, devido aos livros em parceria com Michael Hardt: “Império” e “Multidão.” No caso específico desta resenha, a abordagem é sobre o livro *Diálogo sobre la globalización, la multitud y la experiencia argentina*, publicado dois anos antes de “Multidão” ter sido traduzido em português.

Na edição da Paidós do livro aqui resenhado, Negri é de certa forma ciceroneado por Giuseppe Cocco, César Altamira e Alejandro Horowicz. Isto porque trata-se de uma videoconferência promovida pelo Centro Cultural Gral, em San Martín, Buenos Aires, no final de 2002. Na ocasião, foram debatidas as teorias de Negri e abordado o caso argentino como uma experiência pertinente à reflexão sobre o movimento das multidões. Além do prólogo e da apresentação, que ajudam os leitores a entender o cenário sob o qual ocorreu o debate, após a conferência de Antonio Negri foram publicadas algumas questões do público, seu artigo com Giuseppe Cocco sobre o “quilombo” argentino e mais dois de autoria, respectivamente, de Altamira e Horowicz, que dialogam com o conferencista.

Apesar de *Diálogo sobre la globalización, la multitud y la experiencia argentina* já trazer à luz explicitamente o conceito de multidão, sua publicação está entre “Império” e “Multidão” e por isto mesmo transita entre estas duas obras monumentais.

Ainda que o nome de Antonio Negri seja bastante conhecido por ser um dos intelectuais contemporâneos mais conceituados, cabem aqui algumas referências. Nascido em Pádua, em 1933, foi militante da Juventude Italiana de Ação Católica. Em 1954, simultaneamente, entrou no Partido Socialista Italiano de Unidade Proletária (PSIUP) de Pádua, que concentrava o movimento operário da época, e foi estudar filosofia na Sorbonne, tendo sido aluno de Gaston Bachelard e Maurice Merleau-Ponty, entre outros. Viveu exilado na França durante 14 anos, acusado na Itália de ser o mentor intelectual das Brigadas Vermelhas. Voltou em 1997, esteve preso e cumpriu prisão domiciliar até 2002. Somente em abril de 2004 pôde-se considerar um homem livre.

São inúmeros os artigos e sites sobre a trajetória e a obra de Antonio Negri disponíveis na Internet, alguns sugeridos neste número da *Revista Eletrônica Portas*. O leitor pode acompanhar os debates e assistir ao próprio Negri, graças aos vídeos disponíveis especialmente através do YouTube.

¹ Socióloga, Doutora em Ciências Humanas (PPGSA/IFCS/UFRJ) e Coordenadora da "Acicate: Análises Socioculturais"

“Império” tornou-se leitura obrigatória para os ativistas e aqueles atentos às manifestações globais iniciadas em Seattle (2000) e Gênova (2001), marcos do chamado movimento antiglobalização. Aqui os autores reúnem clássicos como Maquiavel, Espinosa e Marx. Põem em questão aspectos sócio-históricos do trabalho, além de focalizar suas reflexões sobre a biopolítica e a sociedade de controle, dialogando com Foucault e Deleuze. Para os autores, o Império é um regime biopolítico global. O livro tornou-se uma referência e foi traduzido em várias línguas, inclusive chinês, árabe, turco e coreano.

No final de 2003, Negri visitou a América do Sul e encontrou um terreno fértil a suas idéias com a recente posse do Presidente da República do Brasil – Luiz Inácio da Silva – e os movimentos sociais argentinos cujos ‘painéis’ ficaram conhecidos em todo o mundo. *Diálogo sobre la globalización, la multitud y la experiencia argentina* foi publicado neste ano.

A videoconferência de Toni Negri inicia-se com a afirmação de que pouco poderia dizer sobre a Argentina, já que as informações lhe chegavam via imprensa e eram cada vez mais raras. Por sua vez, haviam referências enviadas ou levadas por amigos e pelos movimentos. Apesar de algumas alusões ao comunismo e até à Comuna de Paris por parte dos amigos, Negri põe em questão a capacidade inventiva do comunismo. Segundo ele: *Son necesarios los paradigmas, los ejemplos que muestran cómo las masas, el movimiento, las multitudes pueden unirse, organizarse, organizar nuevas formas de lucha y gobernarse a sí mismas.* (Negri et al., 2003:28).

Assim Negri começa a falar sobre a experiência argentina inserindo-a no cenário mundial e buscando pensá-la como parte de um momento de crise global. A partir do exemplo da entrada do movimento antiglobalização na Itália, observa a modificação dos movimentos e do proletariado e questiona o que significa hoje organizá-lo, especialmente relacionando o local ao global. Qual a relação do Estado-nação com os movimentos no cenário global? Como as organizações que visam, de alguma forma, mudar o mundo podem atuar fora da tradição do Estado-nação?

Segundo o autor, o espaço do Estado-nação está superado. Especialmente após 68, tornou-se evidente que o sistema capitalista não poderia ser mantido como até então, sendo questionado constantemente pela classe operária. Vários elementos conjulgados, como a crise do “sistema colonial imperial”, indicaram grandes mudanças, seguidas pela repressão ao movimento. Vigorava a regra neoliberal da repressão interna aos indivíduos de cada país.

Atualmente, a crise do neoliberalismo mostra-se no nível global e aliada à crise do atual modo de produção é um novo indício de profundas mudanças. Há uma concepção de que a guerra seria uma ‘estratégia soberana do império global norte-americano’, sinalizando uma grave crise do mercado global como subjacente e pondo em questão a noção de soberania e sua relação com o nível imperial. Mas, atenção: Não se pode reduzir o Império ao imperialismo americano, que continua preso às fronteiras nacionais. O imperialismo é uma expansão do conceito de Estado-nação. O que está em jogo

atualmente na escala do Império é um novo tipo de soberania. Com Império: *Se está pensando en la construcción de un espacio de comando, en la definición de un fenómeno o de un principio de soberanía que cubre todo el mercado mundial, el mercado global, la sociedad global.* (Negri et al., 2003, p.45). Por isto, os autores buscam saídas no nível global. A Multidão, entendida como um conjunto de singularidades cooperantes em redes, é a possibilidade de mudanças no Império. Deste modo, se os Estados Unidos possuem uma expressão peculiar no Império, os processos mundiais de resistências e rupturas passam necessariamente pela expressão das multidões norte-americanas.

O Império constitui-se em uma dimensão única, mas não unívoca, que gera a necessidade de se pensar a multidão dentro deste novo espaço. Um espaço sem fora, porque fora do Império não há nada. Por isto, a multidão e a interdependência das relações sociais e políticas no âmbito global são elementos centrais. Os fluxos constituem em si o Império. Há um movimento múltiplo feito de muitos movimentos, fluxos globais que trazem à tona um novo modo de produção e de subjetivação.

Neste sentido, a experiência argentina traz a multidão aflorando no Império. Segundo Negri, para analisar a situação é preciso tentar responder: Como explicar que trabalhadores desempregados e classes médias urbanas estivessem juntos naquele momento? Já que a dicotomia entre trabalho manual e intelectual historicamente distanciou seus interesses. Entretanto, atualmente aproximam-se devido ao trabalho imaterial em comum. Nas palavras do autor:

El trabajo de hoy no es un trabajo que se haga tanto materialmente en las fábricas como en las redes, exprimiendo inteligencia y constituyendo una cooperación. Los elementos inovadores del trabajo se presentan en el interior de las redes, en las grandes extensiones cooperativas del trabajo: ése es el verdadero trabajo. Son elementos culturales, intelectuales, científicos, relacionales, afectivos los que constituyen la valorización del trabajo. Es en este terreno que el valor es captado en el sistema económico, es captado en el nivel social hoy hegemónico de la producción. No es tan importante el trabajador de mano dura, es en tanto trabajador social que cobra valor. Este trabajador social tiene características que atañen a la flexibilidad en el trabajo, características de creación a nivel social. Se trata de una apropiación del instrumento de trabajo que es él mismo, su propio cerebro. (Negri et al., 2003:36).

Com base neste argumento, Negri se insere na polêmica sobre a centralidade analítica da categoria trabalho. Para o autor, o trabalho continua sendo central, mas trata-se de uma nova concepção de trabalho. É o trabalho social, intelectual, que comanda o desenvolvimento organizativo e as formas de desenvolvimento organizacional. Por isto, toda a sociedade pode trabalhar. O que se põe a trabalhar é a vida, neste sentido, encontramos-nos em uma condição biopolítica.

Nos países desenvolvidos o trabalho é o centro da sociedade, a partir do qual se estabelecem as relações e se conforma o corpo. Trata-se então de buscar na multidão formas de combinar trabalho intelectual e material.

As políticas neoliberais conseguiram perceber um novo tipo de trabalho em suas dimensões imateriais (afetivas, intelectuais, lingüísticas), independentemente da relação salarial. A produtividade estando ligada à socialização. Entretanto, para Negri, foi um ‘deslocamento superficial e parcial’, restringindo-se a mobilizar apenas técnicas monetárias de acordo com o Consenso de Washington.

A experiência argentina surge como um exemplo concreto de que há resistências às dimensões constituintes do Império. A partir dela Negri e Cocco tentam refletir sobre as relações de trabalho e a multidão. O “quilombo”² argentino possui elementos constituintes elencados pelos autores, que expressam o movimento da multidão:

1. Não há um determinismo entre a dissolução social da relação salarial e o enfraquecimento dos movimentos sociais. Ao contrário.
2. Há uma composição técnica das camadas sociais que constituíram o “quilombo” – ‘incluídos’ e ‘excluídos.’
3. Novas dimensões ontológicas da produção, o trabalho e a política da multidão tendem a coincidir. A multidão é o conceito de uma potência.
4. As próprias dimensões constituintes da política da multidão

Neste caso, a multidão afirmou-se como o conteúdo da globalização, expressando publicamente uma nova figura de classe e gerando uma mudança de percepção coletiva. Para os autores, o conceito de multidão não se confunde com os de povo, massa ou plebe.

El pueblo está siempre representado como una unidad, en tanto multitud no es representable. En oposición al concepto de pueblo, el concepto de multitud es el de una multiplicidad singular, de un universal concreto. El pueblo constituía un cuerpo social; la multitud no, pues ella es la carne de la vida. Si oponemos la multitud al pueblo, tenemos también que oponerla a la masa y a la plebe. Los términos “masa” y “plebe” fueron muchas veces usados para nombrar una fuerza social irracional y pasiva, peligrosa y violenta, por el hecho preciso de haber sido fácilmente manipulable. La multitud es un actor social activo, una multiplicidad que actúa. Ella no es, como el pueblo, una unidad, pero nosotros podemos verla, en oposición a la masa y a la plebe, como algo organizado. (Negri et al., 2003:68). Grifos dos autores.

Por tudo isto, a nova figura de classe constituída na multidão difere, ainda, da concepção tradicional de classe trabalhadora. Esta nova classe é sempre produtiva, está em constante movimento e se auto-organiza em sua multiplicidade. Neste sentido é que a política da multidão é constitutiva de seu trabalho e vice-versa.

² De acordo com o Dicionário da Real Academia Espanhola:

Quilombo (De or. africano).

1. m. Arg., Bol., Chile, Par. y Ur. Prostíbulo.

2. m. vulg. Arg., Bol., Hond., Par. y Ur. Lío, barullo, gresca, desorden.

3. m. Ven. Lugar apartado y de difícil acceso, andurrial.

Os autores fazem menção ao segundo significado e ressaltam que, naquele momento, era usual a palavra quilombo na Argentina para designar desordem e caos.

Certamente os conceitos de Império e Multidão ainda serão temas de inúmeros debates, assim como tantos outros interligados, como soberania e movimento social. Basta lembrar que “Império” foi publicado originalmente em 2000 e as entrevistas dos autores e inúmeros artigos que dialogam com eles continuam atuais e constantemente atualizados pela dinâmica social. Este *Diálogo sobre la globalización, la multitud y la experiencia argentina* é uma excelente forma de inserir-se no debate, por sua forma coloquial e, portanto, permitindo uma leitura acessível e condensada, porém densa. Vale a pena conferir:

NEGRI, Antonio et al. *Diálogo sobre la globalización, la multitud y la experiencia argentina*. 1ª. ed. Buenos Aires: Paidós, 2003.